

## Resenha

(MARCONDES FILHO, Ciro. **Superciber: a civilização místico-tecnológica do século 21: sobrevivências e ações estratégicas**. São Paulo: Paulus, 2009)

Larissa LOPES<sup>1</sup>

Inicialmente considera-se fundamental uma apresentação do autor para melhor entendimento da obra. Ciro Marcondes Filho é professor titular da Escola de Comunicações e Artes da USP desde 1987 e já publicou mais de 30 livros nas áreas de comunicação, jornalismo, política, filosofia e psicanálise. Seus estudos são marcados pela busca de uma “Nova Teoria da Comunicação”, onde é proposto uma renovada maneira de estudar os fenômenos comunicacionais no Brasil e instituir a comunicação como ciência.

*Superciber: A civilização místico-tecnológica do século 21* nos remete, em uma perspectiva de sociabilidade, sobre qual forma as pessoas estão enxergando o futuro e se o pensar de que a tecnologia resolverá a maior partados problemas da humanidade não é uma suposição utópica. Transcendendo, o autor questiona se verdadeiramente os indivíduos estão enxergando os efeitos sobre idealizar supercorpos<sup>2</sup>, superambientes<sup>3</sup> e supersociedades<sup>4</sup> e o que esse encantamento pode acarretar silenciosamente no mundo.

Com o objetivo de entender melhor a sociedade mediada pela tecnologia do século XXI, são expostos três princípios. O primeiro, denominado de "pressupostos lógicos", apresenta uma lógica antagônica para compreensão dos fenômenos atuais, invertendo a prioridade na observação dos acontecimentos e olhando para erros, ruídos, atratores estranhos, não-linearidades e imperfeições. O segundo - "desdobramentos do continente estrutural", envolve os campos de repercussão social da tecnossociedade: o comportamento das pessoas, a tecnopolítica e a tecnoideologia. E por fim a "posição

---

<sup>1</sup> Aluna Especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB.  
E-mail: larissanlo@outlook.com

<sup>2</sup> Corpos geneticamente perfeitos e informaticamente equipados com sensores e próteses.

<sup>3</sup> Ambientes isolados dos vírus e das pestes.

<sup>4</sup> Sociedades computadorizadas em que tudo é administrado, corrigido e perfeito.

e/ou reorganização de seres humanos", que traz uma ideia de integração do ser humano com sistemas maquinais tendo como propósito expandir o corpo e a mente para alcançar plenitude na saúde e na inteligência, além de se envolver com outros prazeres que possam ser proporcionados pela virtualidade. São essas as três dimensões que pretendem abranger o caráter mutável do mundo atual.

O autor fala, ainda na introdução do livro, que os comportamentos danosos como violência, choque, conflito e angústia não serão abolidos com a nova era tecnológica, mas serão vistos diferentes, em vez de eventos desorganizados e imperfeitos, para fatos em si, autônomos e insuficientes. Percebe-se assim, um novo olhar para os fenômenos, como já dito, um “novo pressuposto lógico”.

A obra é dividida em quatro partes, sendo a primeira intitulada de “Os pressupostos lógicos”, abrangendo sete capítulos. Ao apropriar-se dos pensamentos de Nietzsche, de um mundo governado pela virtualidade e em conjunto com as aplicações da teoria do caos, o capítulo começa discorrendo sobre como nós, os indivíduos, temos a capacidade de criar seres imaginários para habitar a realidade virtual; são personalidades inventadas que exprimimos nas comunidades eletrônicas: androides, robôs, almas imaginárias e até seres estranhos da ficção científica. Esses seres se misturam com os humanos, que passam a se tornar apenas mais uma variedade zootípica.

Segundo os estudos do Ciro Marcondes Filho, os indivíduos se entusiasmaram e criaram deslumbre fascínio com a nova era tecnológica, a tal ponto que houve regressão dos progressos da inteligência anteriormente obtidos no século XX, isso se deu por equívocos e ingenuidades com as novas mídias.

Uma visão pequena do ambiente informático e comunicacional foi acolhida, em alguns casos beirando a mediocridade. Conseqüentemente, tem-se hoje a fragmentação do saber de maneira informatizada, com particularidades técnicas e perda da visão geral das temáticas, levando a uma carência crítica.

O homem que sonhou a onipotência e infinito poder durante séculos, encontra-se na frente dos fatos como impotente; diante desse caos que questiona o amanhã, surge um novo tempo, com regras inéditas e uma renovada organização social.

À procura de compreender profundamente a construção teórica do mundo atual, o autor apresenta a teoria da auto-organização, que é estruturada pelo ruído. Esta teoria

parte da ideia que, com o advento da cibernética, os fenômenos passaram de regulares e repetitivos à não-lineares, encontrando nas pessoas e nos sistemas, a criação de novas respostas para lidar com os acontecimentos.

A capacidade que temos em compreender os fenômenos está diretamente ligada ao nosso nível de complexidade (quantidade de informações que armazenamos) e esse ruído externo traz ordem ao fenômeno. Em contrapartida, autores como Michael Feigenbaum e Benoit Mandelbrot acreditam que a ordem da auto-organização não vem de um ruído, mas encontra-se dentro do próprio cenário de caos.

As duas linhas de pensamento convergem em um ponto: o mundo está marcado por sistemas não-lineares, principalmente quando se fala em tecnossociedade. São essas exceções e diferenças que fazem crescer o saber e devem ser validadas enquanto processos sociais.

A segunda parte do livro denominada "os desdobramentos do continente estrutural" mostra a aplicação dos diferentes usos da teoria do caos nas ciências humanas e sociais; além de explorar a relação humana com a virtualidade, política e a conexão entre o real e o ilusório.

A sociedade que chamamos tecnológica refere-se às relações pessoais mediadas pelo computador e a rede. Com este olhar de sociabilidade, vê-se a internet como um campo amplo e nutrido de prazeres, onde os usuários passam a viver em solidão física, pela falta de necessidade em sair para obter contato com outros indivíduos. Dessa forma, os desdobramentos *online* de vivência começam a repercutir.

No virtual, há possibilidade de criar vínculos de amizade, ter experiências sexuais, diversas formas de entretenimento através de games e até, a oportunidade de uma psicoterapia realizada por máquinas. O usuário pode escolher viver só, satisfazendo a si mesmo, porém, sem contato físico com outro ser. O autor expõe que a falta de convívio com o *off-line* é um círculo vicioso e pode desembocar na "incapacidade de romper os limites de regras preestabelecidas e a permanência alucinada em um confinamento fechado; todas essas formas levam ou à própria loucura ou a uma passividade imbecilizante". (p. 46)

De acordo com os estudos de Arthur Kroker e Michael Weinstein, Ciro Marcondes apresenta a teoria do ciber mundo, onde presume que, ainda no século XXI, a carne humana vaporizar-se-á no ciberespaço, e o sistema nervoso central do ser humano

se tornará telemático. Apesar da aparência de filme de ficção, segundo o autor do livro, o relato é uma hipótese teórica considerável, já que as ciências sociais clássicas não estão conseguindo acompanhar os novos tempos e o que tem-se em mãos é a imprevisibilidade de um futuro mutável.

Ainda diante das contribuições de Arthur Kroker, a cibersociedade projeta a utopia de seres humanos perfeitos, na verdade, clones biológicos e imagens virtuais para habitar o mundo. As corporações, o solo e as instalações desaparecerão nas telas como líquido. O corpo não precisará mais estar em matéria no local ordenado, só a mente navegará entre ambientes. Todos os atos serão monitorados através de programas robóticos. Porém, todo esse sonho pode alienar o ser, como se "já tivéssemos partido em uma nave para administrar o mundo, como Deus, de um lugar indeterminado qualquer". (p. 65)

Na terceira parte da obra, Ciro Marcondes traz uma nova organização da sociedade, a "reorganização de seres humanos". Essa (re)organização é efetuada pelo advento da cibernética, criando assim a cibersociedade, que mostra os diferentes comportamentos humanos desenvolvidos com amediação tecnológica.

Andando ao lado da cibersociedade, as vezes de forma apagada devido a superficialidade interativa trazida pelas novas mídias aos usuários, mas seguindo adiante, está o aperfeiçoamento de grandes projetos sociais e filosóficos que marcaram os séculos XVIII e XIX, como o Iluminismo e a Modernidade.

Essas teorias, que foram desaparecendo como base dos relatos científicos no pós-guerra, e apagadas devido o detalhamento da visão dos indivíduos da sociedade para microssituações, agora, mediante a tecnologia, chegam a um novo momento. Com a cibernética, tem-se maior acesso a uma visão totalitária, além de ferramentas necessárias para seguir em frente com os pensamentos filosóficos que em um passado próximo, não foram adiante.

A reformulação dessas teorias com acréscimo de outras ideias são as novas utopias, que visam a evolução do homem, a ponto de prepara-lo fisicamente e psicologicamente para habitar em outros mundos quando a terra não mais existir.

O autor apresenta três projetos que são vislumbrados dentro do campo das novas utopias. São eles: a Biosfera II, o Projeto Genoma e o *Artificial Life*. O primeiro, Biosfera II, já tem uma instalação - em Tucson (Arizona), onde foram enclausurados

seres vivos com fins de sobrevivência em outras condições climáticas; o estudo busca o aperfeiçoamento do indivíduo para habitar em outros planetas, inclusive com a reconstrução do corpo humano, exaltando o que é bom e corrigindo o que não se adapta. O segundo - Projeto Genoma, é um pouco mais invasivo que a Biosfera II, este trabalha com a “negação do corpo”, vendo-o como uma máquina imperfeita que apenas chega a sobreviver por intermédio de peças mecanicamente aperfeiçoadas. Por fim, o terceiro projeto, e também o mais ambicioso, é o *Artificial Life*. Esse último busca a criação de seres maquínicos com os sentimentos humanos, não fazendo uso das fraquezas; uma nova espécie, perfeita e superior, concebida a partir da máquina.

Detrás das novas utopias, está a construção ideológica do homem, fazendo das máquinas deuses poderosos para resolver os problemas da humanidade: divergências religiosas, doenças, preconceitos etc. Esses robôs trabalhariam para o povo, inclusive em processos de produção, e os homens os controlariam a distância, como a visão comumente lembrada ao se pensar em Deus. Assim, sonha-se com a possibilidade de uma nova raça, uma “nova origem”, onde a imortalidade não é contrariada.

Marcondes Filho aborda a metáfora de corpo maquínico como sendo uma das prediletas por autores da cibernética, mas para ele, a verdade é que “...a língua, como o inconsciente, pertencem ao campo dos processos incontroláveis, imprevisíveis e auto-organizadores, que são objetos da teoria do caos” (p. 88). Ou seja, não adianta estudar a “evolução” do ser humano para um transcender maquínico e tentar controlar suas relações, sem antes entender que na verdade, a linguagem é imprevisível.

Chega-se a uma pergunta: o que é SuperCiber? Bem, essa é a definição do nosso novo momento. A união da sociedade da era cibernética com as máquinas, questões de cibridismo, ubiquidade, a mudança de reflexão para o “pensar virtual” e a volta de propostas filosóficas, agora reestruturadas, se tornando as novas utopias.

O alicerce de toda a discussão e dos conceitos abordados por Ciro Marcondes Filho é a ordem. Não a ordem demasiadamente conhecida, fadada em regras às quais as pessoas devem adaptar-se, mas uma nova ordem, que de maneira audaciosa, podemos chamar de desordem. Essa é a ordem do caos, que só se organiza com o ruído.

Para entender a nova sociedade é preciso abrir a mente e colocar de lado alguns conceitos já fixados. Faz-se necessário perceber que é através do diferente, como Marcondes Filho denomina: o ruído, onde se produz mais informação. Esse ruído pode

assustar pesquisadores, já que não é simples de colocar em uma caixa, denominar e prever onde vai resultar. É através do caos que podemos sentir a “flexibilidade nas relações dinâmicas” (pg. 96); isso deve ser visto como o novo processo de normalidade.

A SuperCiber não pode ser enquadrada em procedimentos clássicos e fórmulas pré-estabelecidas, é uma sociedade não-linear, validada por processos sociais de exceções.

É neste contexto que o exemplar chega ao final, abordando o futuro direcionamento da sociedade tecnomediada e como os teóricos devem se portar para entender os fenômenos, na maioria ainda imprevisíveis, que estão por vir. Esse é o momento de ousar mais, rotular menos e abrir-se ao delírio para entender o mundo.